



Diversidade:  
Diferentes,

não

Desiguais

**Denise Pereira**  
**(Organizadora)**

**Atena**  
Editora

Ano 2019

Denise Pereira  
(Organizadora)

# Diversidade: Diferentes, não Desiguais

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D618 Diversidade [recurso eletrônico] : diferentes, não desiguais /  
Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena  
Editora, 2019. – (Diversidade: Diferentes, Não Desiguais; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-090-2

DOI 10.22533/at.ed.902190502

1. Ciências sociais. 2. Igualdade. 3. Psicologia social.  
4. Tolerância. I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 302

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Em pleno século XXI deveria ser natural vivenciar a diversidade, pois aceitá-la não é apenas conseguir lidar com gêneros, cores ou orientações sexuais distintas, mas principalmente respeitar ideias, culturas e histórias de vida diferentes da sua.

A intolerância muitas vezes manifestada em virtude de uma generalização apressada ou imposta por uma sociedade, leva ao preconceito. E, esse preconceito leva as pessoas a fazerem juízo de valor sem conhecer ou dar oportunidade de relacionamento, privando-as de usufruir de um grande benefício: aprender e compartilhar ideias com pessoas diferentes.

A partir da discussão de conceitos de cor, raça, gênero, que nada mais é do que um dispositivo cultural, constituído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino, negro e branco, os autores deste livro nos convidam a pensar nas implicações que esse conceito tem na vida cotidiana e como os arranjos da diversidade podem muitas vezes restringir, excluir e criar desigualdade.

Boa leitura

Denise Pereira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
(RE)CONSTRUÇÕES DAS IDENTIDADES DE GÊNERO E DAS CORPORALIDADES EM A PELE QUE HABITO	
Vivian da Veiga Silva Ana Maria Gomes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9021905021</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>7</b>
“LGBTTRABALHADORES”: OS FORA DA NORMA INSERIDOS NO MERCADO DE TRABALHO	
Rafael Paulino Juliani Rosemeire Aparecida Scopinho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9021905022</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>16</b>
“BAIXOU A 1140 AQUI?” DIFERENÇAS E DISTINÇÕES NAS PRAIAS GAYS DE COPACABANA E IPANEMA	
Alexandre Gaspari	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9021905023</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>23</b>
A IGUALDADE DE GÊNERO E O EMPODERAMENTO FEMININO COMO OBJETIVO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	
Ana Claudia Lopes Venga Larissa Valim de Oliveira Farias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9021905024</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>36</b>
A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E O PROCESSO DE FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO NO BRASIL	
Ana Carla Menezes de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9021905025</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>47</b>
BRINCAR DE BONECA É COISA DE MENINO. E DE MENINA TAMBÉM!	
Lorena Marinho Silva Aguiar	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9021905026</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>59</b>
CIBORGUES E CIBERFEMINISMOS NO TECNOCAPITALISMO	
Cláudia Pereira Ferraz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9021905027</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>81</b>
BRINCADEIRAS INFANTIS E MODERNIDADE: BRINQUEDOS TÊM GÊNERO?	
Alexandra Sudário Galvão Queiroz Maicon Salvino Nunes de Almeida Celia Nonato	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9021905028</b>	

**CAPÍTULO 9 ..... 88**

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA CLÍNICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO COM MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA

Lacilaura Bomtempo Lamounier Costa

Bruna Afonso Gibim

Rafael De Tilio

**DOI 10.22533/at.ed.9021905029**

**CAPÍTULO 10 ..... 94**

CONHECIMENTO DA ENFERMAGEM SOBRE PESSOAS TRANSEXUAIS: REVISÃO INTEGRATIVA

Carla Andreia Alves de Andrade

Alberto Magalhães Pires

Taiwana Batista Buarque Lira

Karla Romana Ferreira de Souza

Rianne Rodrigues de Lira

Wanderson Santos Farias

Josueida de Carvalho Sousa

Andréa Roges Loureiro

**DOI 10.22533/at.ed.90219050210**

**CAPÍTULO 11 ..... 106**

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO DIRIGIDA À MULHER NEGRA NO ÂMBITO DOMÉSTICO E FAMILIAR

Nayra Leal Feitosa

Felipe Silva Duarte

Joseane de Queiroz Vieira

**DOI 10.22533/at.ed.90219050211**

**CAPÍTULO 12 ..... 114**

CRÍTICA SOBRE A FORMAÇÃO DA IDEOLOGIA DE SUBMISSÃO FEMININA: EM ESPECÍFICO OS ESPAÇOS PÚBLICOS

Heloisia Silva Alves

**DOI 10.22533/at.ed.90219050212**

**CAPÍTULO 13 ..... 121**

DISCURSO, MÍDIA E INFORMAÇÃO: SENTIDO E SIGNIFICAÇÃO DOS MATERIAIS INSTRUCIONAIS DA SEGURANÇA PÚBLICA NA COMUNIDADE LGBTQTTI

Deyvid Braga Ferreira

Lívy Ramos Sales Mendes de Barros

**DOI 10.22533/at.ed.90219050213**

**CAPÍTULO 14 ..... 136**

FACEBOOK E HOMOSSEXUALIDADE: ENUNCIADOS E PRECONCEITO NA REDE SOCIAL

Rodrigo Luiz Nery

**DOI 10.22533/at.ed.90219050214**

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>151</b>
FEMINISMO E GÊNERO: CONTRIBUIÇÕES EPISTEMOLÓGICAS DOS ESTUDOS BRASILEIROS	
Dejeane de Oliveira Silva	
Mirian Santos Paiva	
Edméia de Almeida Cardoso Coelho	
Fernanda Matheus Estrela	
Raiane Moreira Coutinho da Cruz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.90219050215</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>162</b>
GÊNERO, ESCOLA E FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORAS: PROBLEMATIZANDO REPRESENTAÇÕES HEGEMÔNICAS	
Andrea Geraldí Sasso	
Fabiane Freire França	
<b>DOI 10.22533/at.ed.90219050216</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>173</b>
INTERFERÊNCIAS DA VISÃO ANDROCÊNTRICA NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DAS SENTENÇAS SOBRE OS CRIMES DE ESTUPRO CONTRA MULHERES	
Lívy Ramos Sales Mendes de Barros	
Wanessa Oliveira Silva	
Deyvid Braga Ferreira	
José Humberto Silva Filho	
Marcus Vinicius de Almeida Lins Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.90219050217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>186</b>
MACHISMO INVISÍVEL E A CATEGORIZAÇÃO DAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS	
Lycia Rinco Borges Procópio	
Jarbene de Oliveira Silva Valença	
<b>DOI 10.22533/at.ed.90219050218</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>194</b>
O FEMINISMO NO CORPO DA MULHER TRANS	
Diana Dayane Amaro de Oliveira Duarte	
<b>DOI 10.22533/at.ed.90219050219</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>201</b>
O PROBLEMA DO PATRIARCADO E A MANUTENÇÃO DA CULTURA DO ESTUPRO	
Lissa Furtado Viana	
Emannuely Cabral de Figueiredo	
Otávio Evangelista Cruz	
Raíssa Feitosa Soares	
Djamiro Ferreira Acipreste Sobrinho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.90219050220</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>210</b>
PALAVRAS: ESCRITA FEMININA, LUSOFONIA, ÁFRICAS	
Izabel Cristina Oliveira Martins	
<b>DOI 10.22533/at.ed.90219050221</b>	

**CAPÍTULO 22 ..... 221**

OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS MULHERES PRETAS LÉSBICAS NO MERCADO DE TRABALHO EM SALVADOR

Juliana de Castro Braz  
Tânia Moura Benevides

**DOI 10.22533/at.ed.90219050222**

**CAPÍTULO 23 ..... 231**

OS CABARÉS IPUENSES: O COMÉRCIO DO SEXO EM IPU (1960-1980)

Francisco de Souza Lima Filho  
Dalvanira Elias Camelo

**DOI 10.22533/at.ed.90219050223**

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 237**

## CONSIDERAÇÕES ACERCA DA CLÍNICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO COM MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA

### **Lacilaura Bomtempo Lamounier Costa**

Universidade Federal do Triângulo Mineiro  
(UFTM).

Uberaba – Minas Gerais

### **Bruna Afonso Gibim**

Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Uberaba – Minas Gerais

### **Rafael De Tilio**

Universidade Federal do Triângulo Mineiro  
(UFTM).

Uberaba – Minas Gerais

**RESUMO:** O presente capítulo aborda a experiência de estágio em Psicologia ocorrida em um programa de atendimento às mulheres em situação de violência da Secretaria de Saúde de um município no Triângulo Mineiro. A experiência ocorreu de agosto de 2015 a julho de 2016 através de parceria entre a o curso de Psicologia de uma Universidade Federal com o próprio programa e a Secretaria de Saúde do município. Os objetivos do estágio foram: prestar acolhimento, atendimento psicológico individual e realizar encaminhamentos para a rede de saúde e assistência social de mulheres que sofreram ou que sofrem qualquer tipo de violência; proporcionar ao aluno experiências em políticas públicas na área de saúde, especialmente junto às mulheres em situação de violência sexual e doméstica; desenvolver

escuta clínica atenta, humanizada, ética e crítica sobre violência de gênero. Como relato de caso, citaremos um caso clínico. A partir do relato de caso apresentado, é possível afirmar que o atendimento ofereceu à paciente um lugar de amparo, que ela nunca antes teve, para que pudesse falar da violência vivenciada e se sentir cuidada, amparada. Assim, o estágio constituiu-se como uma prática de aprendizado potente e transformadora que contribui para pensarmos acerca da prática no cuidado e atenção à mulher em situação de violência.

**PALAVRAS-CHAVE:** violência contra a mulher, psicanálise, psicologia

**ABSTRACT:** This article discusses the psychology internship experience occurred in a care program to women in situations of violence of Health Department of a city in Triangulo Mineiro. The experience took place from August 2015 to July 2016 through a partnership between a Psychology course of a Federal University with the program itself and the city Health Department. The internship objectives were: provide welcoming, individual psychological care and conduct referrals to health services and social care of women who have suffered or suffering any kind of violence; provide the student with experiences in health public policies, especially among women in situations of sexual and domestic violence; develop an

attentive, humanized, ethical and critical clinical listening about gender violence. As a case report, we will mention a case of a patient. From this case report, we can say that the care offered to the patient a place of refuge, that she never had before, so she could speak about the violence experienced and feel cared for, supported. Therefore, the internship was constituted as a powerful and transformative learning practice that helps to think about the care practice and attention to women victims of violence.

**KEYWORDS:** gender violence, psychoanalysis, psychology

## 1 | INTRODUÇÃO

O presente capítulo aborda a experiência de estágio em Psicologia (ligado a um curso de graduação em Psicologia de uma universidade pública federal) ocorrida em um programa de atendimento às mulheres em situação de violência sexual e/ou doméstica da Secretaria de Saúde de um município no Triângulo Mineiro. O programa está inserido em uma unidade de saúde especializada para atendimento às mulheres vítimas de violência e oferece atendimento social, psicológico e médico-ginecológico (continuidade da profilaxia para os casos de violência sexual) para as mulheres do município, independente de terem feito denúncia policial, e que procuraram pelo serviço através de demanda espontânea ou encaminhamento da rede setorial e/ou intersetorial. O serviço foi inaugurado em outubro de 2013 e já realizou cerca de 1293 atendimentos individuais e 279 ações educativas e preventivas junto à população (dados colhidos de outubro de 2013 até junho de 2016).

A equipe do programa é composta por duas psicólogas (sendo uma delas a Profissional Referência Técnica do Programa), uma assistente social, um médico e duas estagiárias de psicologia. Em casos nos quais há a necessidade de avaliação psiquiátrica e uso de medicamentos (casos graves de depressão, ansiedade, tentativa de autoextermínio e/ou outras comorbidades) o caso é encaminhado para psiquiatras da rede, que tem sido grandes parceiros no auxílio da melhoria de vida das mulheres.

A experiência de estágio no Programa ocorreu de agosto de 2015 a julho de 2016 através de parceria entre o curso de Psicologia de uma Universidade Federal com o próprio programa e a Secretaria de Saúde do município. Os objetivos do estágio foram: (I) prestar acolhimento, atendimento psicológico individual e realizar encaminhamentos para a rede de saúde e assistência social de mulheres que sofreram ou que sofrem qualquer tipo de violência; (II) proporcionar ao estagiário experiências em políticas públicas na área de saúde e suas intersecções com a psicologia, especialmente junto às mulheres em situação de violência sexual e doméstica; (III) desenvolver escuta clínica atenta, humanizada, ética e crítica sobre violência de gênero. Além do acolhimento e atendimento psicológico e dos encaminhamentos para a rede parceira, as estagiárias participaram de ações específicas do programa como o preenchimento da ficha de Notificação/Investigação Compulsória de Violência Doméstica, Sexual e/

ou Outras Violências (importante instrumento do Ministério da Saúde para viabilizar, avaliar, monitorar e efetivar políticas públicas) e realizaram ações educativas sobre violência de gênero na comunidade de entorno dos usuários assistidos pelo serviço.

Os atendimentos clínicos objetivavam amparar a mulher em sofrimento, acolhendo, orientando e realizando os encaminhamentos necessários, tendo como abordagem teórica e prática a psicanálise. A supervisão clínica era realizada pela Referência Técnica do Programa.

## 2 | A ESCUTA PSICANALÍTICA

O estágio foi embasado na teoria psicanalítica, pois a psicanálise auxilia a compreender o indivíduo e seus mecanismos internos, além de compreender a forma de se relacionar com o outro e seus sintomas; além desses aspectos relacionados à esfera individual, a Psicanálise muito nos ajuda a pensar a dinâmica da violência na sociedade. Ademais, a prática clínica psicanalítica permite um encontro do sujeito consigo mesmo, propõe um rico espaço de escuta, de acolhimento e contribui para que o paciente questione sua relação com o mundo, de forma a se responsabilizar por seus sintomas (Gibim, 2015).

De acordo com Khel (2002), a Psicanálise trabalha com a circulação da palavra, tentando escutar e acolher os efeitos que ela produz nos indivíduos e na sociedade. Esse saber se interessa pela pergunta que não quer cessar, pelo que a sociedade não quer saber, por seu mal-estar. Assim, podemos compreender que a psicanálise se sustenta na indagação e na escuta do dito e do não-dito. Gibim (2015) propõe uma escuta que acolha o mal-estar e a alteridade, oferecendo sustentação para que perguntas surjam e interpretações façam relevo sobre aquilo que remete ao sofrimento e ao desamparo. Promover o acolhimento do mal-estar é fundamental em um atendimento que remeta às questões da violência, pois não são todos os profissionais que conseguem lidar com este tipo de sofrimento. É comum ouvir queixas das pacientes do Programa em questão sobre terem sido mal atendidas nos serviços especializados quando buscaram ajuda, duplicando a violência a que foram submetidas, o que pode demonstrar a dificuldade dos profissionais em lidarem com esse tipo de demanda de forma acolhedora e humanizada.

Portanto, é fundamental estar aberto à essa escuta, é necessário escutar mais do que se relata, mais do que se diz. Minerbo (2009) compara a escuta analítica com a atividade do fotógrafo:

Pode-se comparar a escuta analítica com a atividade do fotógrafo. A realidade do mundo está ali, tudo é e está visível. Entretanto, o fotógrafo com sua visão criativa, dirige seu olhar para um muro aparentemente banal e flagra, num canto, certa composição cromática inusitada ou uma textura interessante. Recorta e amplia aquele pedacinho, transformando o que sequer seria visto por nós em algo

Em um atendimento psicanalítico não temos como função ou objetivo dar respostas prontas ou pré-estabelecidas aos sujeitos, mas sim possibilitar que o sujeito se aproprie de seu discurso (e das suas consequências) através das intervenções que são realizadas. Para Silva Jr. e Besset (2010), a proposta é que o sujeito acredite em seu sintoma, acredite que possa dizer algo sobre ele. Portanto, é fundamental reintroduzir a palavra onde há violência. A palavra permite o adiamento, a simbolização, fornecendo contorno, limite e meios para que o sujeito possa pensar e nomear seu mal-estar e fazer algo com ele. Se houver essa oportunidade, a violência pode perder seu valor destrutivo e seu valor de gozo, permitindo ao sujeito encontrar os meios de sair da repetição imposta por seu sintoma.

Os casos atendidos no Programa retratam essa experiência de escuta psicanalítica e de apropriação do discurso pela própria paciente. Como relato de caso, citaremos um caso clínico de uma paciente que chegou ao Programa acompanhada pela filha de 16 anos e do marido. A Paciente foi acompanhada durante cerca de oito meses com atendimentos que aconteciam uma vez por semana. A demanda inicial era sobre a filha ter sido abusada sexualmente pelo seu irmão, que também foi atendida na unidade. A mãe se apresentava bastante abatida e, ao perceber isso, também foi oferecido um espaço de escuta. Durante o acolhimento ela relatou que também havia sido abusada quando criança e que nunca havia falado sobre isso com ninguém.

No decorrer dos atendimentos foram referidas e destacadas algumas falas como: “Ele não me leva para uma pizzaria, não fazemos nada do que eu quero, apenas o que ele quer” (sic), se referindo ao marido. Ao ser indagada se ela se colocava e dizia ao marido o que gostaria de fazer, ela responde que não. Com o questionamento do porque dessa atitude e dessa ação sempre ter que vir do outro, ela responde: “porque ele é o homem” (sic).

Dessa forma, ampliando a escuta e tentando compreender o não-dito, podemos inferir que a paciente se anula e que há uma grande rigidez no que se refere ao modo como entende e vivencia os papéis sociais de gênero atribuídos aos homens e às mulheres. Ao ser apontada essa rigidez em relação aos estereótipos de gênero a paciente diz: “Acho que isso tem a ver com a minha criação, eu fui educada como se tivessem obrigações que são de homens e obrigações que são de mulheres. Mas a mulher também pode fazer um convite, pode dizer o que ela quer, né?” (sic). Dessa forma, a partir da escuta do não-dito e das interpretações ancoradas no saber psicanalítico, foi possível intervir de modo a fazer a paciente refletir sobre como os papéis de gênero são vivenciados na sociedade e também em seu lar, causando uma mudança de posição subjetiva, mudança essa que permite o empoderamento das mulheres - fator primordial para o combate da violência de gênero.

Com relação ao abuso vivido aos nove anos de idade, a paciente se apresentava

bastante resistente ao falar no assunto, sempre projetando seus sentimentos e angústias na vivência da filha. Uma fala utilizada era: “que bom que a minha filha falou o que aconteceu. A sociedade culpa muito quem vive esse tipo de situação” (sic). No decorrer das sessões essa fala tornou-se recorrente. Utilizando a perspectiva psicanalítica, podemos compreender que ao falar sobre a importância da filha estar sendo atendida, ela também diz de um desejo se ter sido escutada e de uma falta no que se refere ao amparo que não teve quando sofreu a violência (na sua infância). Além disso, podemos pensar no sentimento de culpa quando diz da reação da sociedade com relação a esses acontecimentos. De acordo com Rocha (1998), o desamparo, importante conceito freudiano, é uma experiência na qual o sujeito se encontra sem ajuda, sem recursos, sem proteção, sem amparo. Além disso, aponta que a angústia de desamparo manifesta-se quando a criança se sente ameaçada pela voracidade do desejo obscuro e desconhecido do Outro. Assim considerado, o desamparo é constituinte da inserção do sujeito no mundo da linguagem e deixa transparecer essencialmente uma falta fundamental.

Com o apontamento dessas questões a paciente relata: “me sinto culpada por não ter contado antes o que aconteceu. Talvez isso não tivesse continuado a acontecer e ele [o agressor] tivesse parado. É como se eu tivesse permitido” (sic). Também comenta receio em falar com a família sobre o que aconteceu. Ao ser indagada, a paciente chega a seguinte conclusão: “acho que eu ainda me culpo pelo que aconteceu, por isso eu tenho medo que as pessoas me culpem” (sic). Dessa forma, a paciente pôde se apropriar de seu discurso, nomear seus sentimentos, reconhecer seus medos e culpas, possibilitando que isso fosse amparado e ressignificado.

Durante as sessões de atendimento foram trabalhadas questões relacionadas ao sentimento de culpa. Nas últimas sessões a paciente relata: “ainda não consegui falar com a minha família sobre o que aconteceu quando eu era criança, mas estou tentando falar mais sobre o que eu sinto, sobre minhas vontades. No sábado, eu falei pro meu marido que eu tenho vontade de fazer outras coisas, que não podemos fazer só o que ele quer” (sic). Com isso, podemos perceber que a escuta psicanalítica possibilita uma apropriação do próprio discurso e da própria vida, sendo ferramenta de transformação e mobilização de mudanças na dinâmica familiar, contribuindo pra o empoderamento feminino.

### 3 | CONCLUSÃO

A experiência de estágio com mulheres em situação de violência possibilitou uma rica vivência clínica, possibilitando questionamentos sobre o lugar da escuta e do acolhimento no atendimento psicológico. Gibim (2015) pontua que se abrir para ouvir o violento é uma posição difícil, que mobiliza diversos afetos em quem escuta, possibilitando o encontro com o outro:

É a partir da posição de não-saber – posição dolorosa que envolve a falta de um terreno de verdades e certezas sobre o que outro é, tem e precisa – que se abre caminho para a mobilização que acolhe o sofrimento. O sujeito nessa posição é capaz de afetar-se, e assim, de suportar a dor do outro, no sentido de dar suporte, dar sustentação. A escuta acolhe o mal-estar e a alteridade, oferece sustentação para que perguntas surjam e interpretações façam relevo sobre aquilo que remete ao sofrimento e ao desamparo (GIBIM, 2015, p.77).

Dessa forma, a experiência de estágio foi um desafio que possibilitou a mobilização de afetos. Foram encontros que permitiram desvelar o que estava encoberto e dar suporte ao que estava desamparado. A partir do relato de caso apresentado, é possível afirmar que o atendimento ofereceu à paciente um lugar de amparo, que ela nunca antes teve, para que pudesse falar da violência vivenciada e se sentir cuidada, amparada. Assim, o estágio constituiu-se como uma prática de aprendizado potente e transformadora (tanto para os estagiários como para os usuários assistidos) que contribui para pensarmos acerca da prática no cuidado e atenção à mulher em situação de violência.

## REFERÊNCIAS

GIBIM, Bruna Afonso. **(Re)Significando a violência: a escuta como produção de saber**. 2015. 111f. Tese (Mestrado em Psicologia)- Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2015.

KHEL, Maria Rita. **Sobre Ética e Psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 200, p. 11.

MINERBO, Marion. **Tentativas e erros na escuta infantil**. Revista Percurso, v. 21, n. 42, p. 57- 66, 2009.

ROCHA, Zeferino. **Desamparo e metapsicologia: para situar o conceito de desamparo no contexto da metapsicologia freudiana**. Síntese Revista de Filosofia, v. 26, n. 86, p. 331-346, 1999.

SILVA JR, N. S., & BESSET, V. L. **Violência e sintoma: o que a psicanálise tem a dizer?** Fractal: Revista de Psicologia, v. 22, n. 2, p. 323-336, 2010.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-090-2

